

Matava filhotes tenros
Com grosseria sem nome;
Prendia as aves cantoras,
Exterminando-as à fome.

Se passava no terreiro,
A galinhada fugia,
Sabendo que Maricota
Vibrava pancadaria.



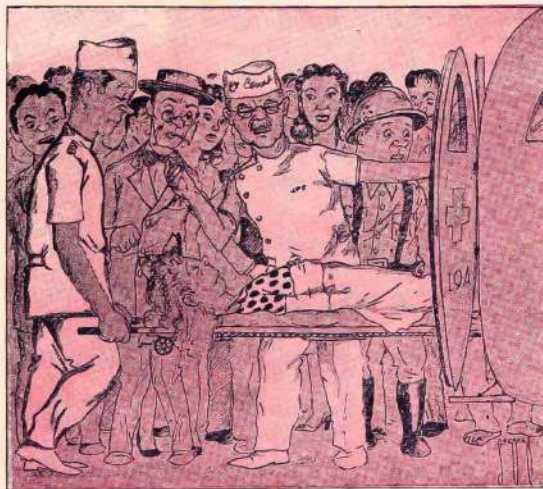
VII DESVIADA

De rua em rua, a esconder-se,
A menina, a passo curto,
Era um demônio pequeno,
Exercitada no furto.

Varando portas estreitas,
Pulando grandes janelas,
Sabia correr dos guardas
E burlar as sentinelas.

Espreitava nas quitandas
O instante exato das vendas
Para assaltar os meninos
Carregados de encomendas.

Fôsse qual fôsse o momento,
Horas claras ou sombrias,
Roubava doces, brinquedos,
De lojas e padarias.



VIII MORTA

Um dia, furtando jóias,
Maricota teve a mão,
Que se agitava com pressa,
Mordida de escorpião.

Era o castigo, afinal,
À maldade, à rebeldia,
Maricota Serelepe
Caiu em breve agonia.